

Working Paper

A Globalização e hegemonia da liderança mundial

Francisco Manuel Montes Palma e Pereira

Globalização e hegemonia da liderança mundial

O conceito do termo “*Globalização*”, apareceu em 1892, na revista Harper’s Magazine e em 1961 o termo *globalização* entrou (em inglês) no dicionário Webster.

Contudo, foi nos meados dos 60 e durante a década de 1970, quando se vulgarizou a expressão “*Aldeia Global*”, sobretudo devido à obra do autor canadiano Herbert Marshall McLuhan, livro escrito em co-autoria com o designer gráfico italiano Quentim Fiore, para designar o sistema global de comunicações, então em plena expansão, que a expressão “*Globalização*” se generalizou.

Na actualidade, “*Globalização*” é o termo preferido para designar a nova era de “*world affairs*”, consolidada após o final da Guerra Fria.

Existem mais de 5 mil títulos publicados sobre o tema, a palavra conta com várias entradas na Wikipédia em diversas línguas e tem mais de 8 milhões de referências no Google em apenas quatro línguas (inglês, castelhano, português e francês)

Podemos considerar, num sentido lato, a ***Globalização como um processo evolutivo, irreversível, multidimensional, com uma forte componente histórica e, transformacional.***

Existem outras escolas de pensamento mais restritas, olhando o fenómeno da *Globalização* como institucional ou uma consequência directa da interconectividade global.

A definição da National Intelligence Council (USA, 2004) – “***Globalização designa a crescente inter conectividade reflectida nos intensos fluxos de informação, tecnologia, capital, bens, serviços e pessoas através do mundo***”, parece-nos muito pouco abrangente para a multidimensionalidade do processo evolutivo que o fenómeno representa.

O processo da “*Globalização*” é um processo no tempo e, portanto, também é um processo histórico.

Poderemos considerar que, o processo de “*Globalização*” se processou em três vagas.

A primeira com início no séc XV, com o início das “*descobertas*” portuguesas.

È a partir desta altura que, o comércio internacional começa a fazer sentido, abrangendo quatro continentes.

Leo Huberman, no seu estudo “Riqueza do Homem”(1), considerou esse período como uma verdadeira “Revolução Comercial”, algo que não acontecera em épocas anteriores como no Império Mongol ou na Era de Ouro do Mediterrâneo com as Repúblicas Marítimas italianas.

O domínio português no comércio internacional, duraria até que os holandeses e os ingleses se posicionassem em pontos estratégicos portugueses, entre 1580 e 1665.

Desde 1500, o comércio internacional teria crescido a um ritmo de 1% ao ano, segundo estudos de Michael D. Bordo, Director para a História Monetária e Financeira, na Universidade de Rutgers (2).

O número de multinacionais teria passado de umas 500 em 1600, para o dobro em 1700, segundo Alex MacGillivray.

A segunda vaga de globalização económica ocorrerá a partir do Congresso de Viena, a seguir à derrota de Napoleão, no início do séc. XIX.

Com a abertura do Canal do Suez, em 1869 iniciou-se “uma nova passagem para a Índia”.

Esta época, foi a época do que se convencionou apelidar de “*imperialismo*”.

Num estudo, realizado em 1902, por J.A.Hobsson, Michael D.Bordo refere que o comércio internacional teria crescido 3,5% ao ano até à eclosão da 1ª Guerra Mundial, em 1914.

No campo do investimento directo estrangeiro, a Inglaterra, a potência global da altura, dominaria 50% desses fluxos em 1914, seguida da França com 20%, da Alemanha com 17%, dos USA com 6,5%.

Nesta época, anterior à guerra, o número de multinacionais seria de 3.000, seis vezes mais do que 300 anos antes.

A terceira vaga, segundo o citado Michael D. Bordo, inicia-se a partir do “choque Nixon” com o abandono do padrão ouro em 1971 (suspendendo a convertibilidade do dólar em ouro) e o fim, em 1973, do acordo de *Bretton Woods* (assinado em 1944), com a progressiva eliminação do controlo dos fluxos de capitais.

A aceleração desta vaga dar-se-ia com três factos políticos posteriores de alcance global :

a) A abertura da China em 1978, com as reformas de Deng Xiaoping

b) A queda do muro de Berlim em 1989 e a implosão do bloco comunista soviético.

c) O início das reformas económicas na Índia em 1991.

Segundo MacGillivray, o crescimento das multinacionais, terá sido avassalador nos últimos vinte anos: 18.500 em 1980, para 30.000 em 1990 e mais de 64.000 actualmente.

A consultora Goldman Sachs “criou”, em 2003, a designação de “BRIC” (designação para as quatro potências emergentes Brasil, Rússia, Índia e China) em que a China se poderá transformar na primeira potência económica mundial no período de 2020 a 2040/50 (3).

Iremos analisar a China, como economia emergente e a tendência para se tornar na maior potência económica mundial.

Assim, segundo a Goldman Sachs, a China ultrapassará os USA em 2040/50 em PIB, medido em paridade de poder de compra (ppc)(4)

Várias datas, têm sido avançadas, tanto por revistas especializadas, como por economistas internacionais.

Por exemplo, o economista holandês Angus Maddison avançou com projecções que apontam que a China alcance a paridade com os USA em 2015 e se transforme no número um do PIB (em ppc) em 2030.

As projecções, deste autor, apontam para que, em 2030 o ranking do G5 no PIB mundial (em ppc) fosse o seguinte : China com 23%; USA com 18%; Europa com 13%; Índia com 10% e Japão com 3,5% (5)

A China terá a maior classe média do mundo em 2020.

“Será o maior mercado de consumo do mundo, o mais dinâmico mercado de fronteira”, segundo o consultor Zhibin Gu (6) , autor do bestseller “Made in China”.

Gu, aponta que actualmente a classe média chinesa, deverá rondar os 250 milhões e, daqui a menos de 15 anos, deverá rondar os 600 milhões (40% da população).

Ainda, segundo este consultor, a China já é o maior mercado do mundo na área das telecomunicações móveis, em que no final de 2008, deverá atingir os 500 milhões de clientes.

Os analistas discutem se a projectada liderança da China no PIB se irá traduzir na geopolítica.

A divisão neste ponto é grande, como iremos analisar, ainda que não exaustivamente:

Desde 1990 que, André Gunder Frank refere a reorientação (no sentido literal do termo) da economia mundial e da mudança da balança do poder político para Oriente, e em particular para a China, “parece-me muito provável que a Ásia. E em particular a china, recupere o seu lugar e o seu papel predominante no mundo, e que já era seu por direito, pelo menos entre 1300 e 11890”, afirmou o falecido economista (7).

O livro de Willian H. Overholt, quadro do Bankers Trust de Hong Kong, publicado em 1990, tornou-se um best seller.

O Seu título é revelador – **China, a próxima super-potência**.

A ideia da inevitabilidade dessa passagem de número um da geoeconomia a número um da geopolítica é muito influenciada por um estudo de Paul Kennedy sobre a ascensão e queda das grandes potências, onde o autor afirma que a História ensinaria que as mudanças geopolíticas seguirão, inexoravelmente, as alterações do poder económico.

Nesta obra – *The Rise and Fall of the Great Powers* (8), de 1998, o autor considera que a China “ é a potência pior colocada em termos estratégicos”, embora chame a atenção para a sua emergência como “um actor efectivamente independente”, que não quererá ser um “adjunto das superpotências (o livro foi escrito antes da queda do Muro de Berlim) nem uma simples potência intermediária”, concluindo “é apenas uma questão de tempo”.

Não é de estranhar, que se tenha a tendência para fazer um paralelismo histórico com a emergência económica e política dos USA entre 1885 (conferência de Berlim) e 1919 (pós final da 1ª Guerra Mundial).

Os USA, tornaram-se na primeira potência económica do mundo em 1913, com um PIB equivalente ao do, então, Império Britânico e 3 vezes superior ao Alemão (então já à frente da Inglaterra, se calculada sem o Império).

Os USA, depois de um período, no final do século XIX, em que uma guerra anglo-americana pareceu eminente devido a questões regionais (fronteira da Venezuela, controlo do canal do Panamá, fronteiras do Alasca com o Canadá), no início do século XX decidiram-se por uma reaproximação à superpotência da altura – a Inglaterra, com vista a conter a expansão alemã “o século alemão” de que falava o chanceler Bullow e o Kaiser Guilherme II.

Os USA, segundo Paul Kennedy, “tinham-se tornado uma grande potência, sem no entanto, fazer parte do sistema de grandes potências”, o G5 da época (Inglaterra, Alemanha, França, Rússia imperial e Áustria- Hungria).

Contudo o reconhecimento da sua posição somente ocorreria durante o período da 1ª Guerra Mundial, quando o centro da finança mundial se instalou em Wall Street e os USA se tornaram o maior credor da coligação vencedora.

Contudo, existe uma discórdia, entre vários analistas com o paralelismo da emergência dos USA e o período anterior à 1ª Guerra Mundial.

A política de projecção global da China, segundo diversos analistas deve-se a:

1º - As parcerias estratégicas e investimentos massivos em países ricos em recursos

Energéticos.

2º - Este ponto, relaciona-se com o chamado "*relatório blue water*", relativo à questão

Relativo à questão do poder naval, e que foi discutido no seio da armada chinesa

em Dezembro de 2006, ocasião em que o presidente chinês Hu Jintao, sublinhou

que a Armada deveria estar preparada para ter projecção de poder para além das

regiões costeiras.

Esta declaração, conjugar-se-ia com o risco de uma corrida aos armamentos nucleares na Ásia, conforme a Federação de Cientistas Americanos, referia em Novembro desse ano, e onde acusavam o Pentágono de exagerar a capacidade nuclear da China para reforçar um novo ciclo de armamento.

Paralelamente o Japão pondera a possibilidade de constituir uma força nuclear autónoma, assim como de rever a sua constituição face aos testes nucleares coreanos, à instabilidade sobre Taiwan e às reclamações da China sobre as ilhas SenKaku/Diaoyu.

Os analistas e peritos mais pessimistas prognosticam o risco de um confronto militar de alta escala na Ásia.

Angus Maddison diz que “não há uma correlação linear” e recorda que: “No passado, a China foi a principal potência económica do mundo entre 1300 e 1870, e isso não se traduziu numa estratégia de projecção global agressiva. Mesmo a decisão de viagens pioneiras oceânicas no sec. XV foi travada. A minha opinião é que a China nunca foi uma potência agressiva”.(9)

O debate existe na China, entre duas tendências:

“*Daguo xintai* (mentalidade de grande potência) e “*heping jueqi*” (ascensão pacífica).

Contudo, a tese oficial, defendida por muitos intelectuais chineses, entre eles Zhibin Gu , que afirma “ os chineses ficam chocados quando os estrangeiros falam de que a China será a próxima superpotência.

A China não está ainda preparada para desempenhar um papel mais relevante.

Muitos chineses preferem que a China seja um “seguidor” em vez de um líder” (10)

È opinião generalizada no Ocidente, que a China enfrenta um conjunto de problemas estruturais complexos que atrapalham a ascensão fácil e rápida a superpotência.

Este tipo de problemas, não ocorreu no período de transição nos USA, entre 1895 e 1919.

Segundo Zhibin Gu, um dos principais problemas, é o sistema.

O actual projecto político da China poder parecer a quadratura do círculo: desenvolver as bases de um capitalismo, que seja a base de uma grande potência, sem tornar demasiado flexível o sistema político autoritário e sem abdicar do poder da classe burocrática, largamente inflacionada durante o período maoista.

O objectivo da engenharia social é de criar um mercado consumista de classe média que “amortize” as inevitáveis tensões que o desenvolvimento capitalista e a globalização geram em qualquer tipo de sociedade.

É o peso burocrático – ou do sistema “oficialista”, como lhe chamou o analista Wu Si- que dá à transição para o capitalismo na China, ao longo dos últimos trinta anos,

“uma imagem de contradição em si mesma”, de um paradoxo, como refere Christopher McNally, director do East-West Centre, em Honolulu (11).

Um problema que se cooloca aos dirigentes chineses, é o de completar o projecto de “uma única China”, que permitiria encerrar o período “negro” de humilhação nacional.

Se é verdade, que o lema, enunciado por Deng Xiaping “um País, dois sistemas”, permitiu à devolução de Hong Kong e de Macau, respectivamente pela Grã-bretanha e por Portugal, o lema não convence, nem de perto o vizinho Taiwan, em que cada vez mais a facção independentista é mais forte.

Segundo Zhibin Gu, na sua publicação “ China Nova Ordem Mundial (12), a China tem de partir para uma nova proposta – a de um país, múltiplos centros de poder, no quadro de um federalismo.

Outro problema é o da segurança energética.

Christopher McNally (13) considera que boa parte do “ global” encerra esta preocupação, visível nas políticas de investimento e de parcerias estratégicas bilaterais em África, Médio Oriente, Ásia Central e América Latina.

Segundo McNally, “o estabelecimento de uma ordem internacional multipolar” seria, sem dúvidas, mais favorável a esta gestão do acesso às matérias-primas e *commodities* estratégicas.

São, contudo, os próprios chineses que apontam os riscos ligados à ruptura da coesão social. Yu Yongding, da Academia Chinesa de Ciências Sociais, sublinhou, num fórum realizado em Bruxelas, em 2006, que a falta de coesão social poderá “beliscar” o actual consenso entre as elites e a classe média.”A meu ver o calcanhar de Aquiles da reforma económica é o enorme fosso na distribuição de rendimentos ” A China já ultrapassou o limiar da desigualdade que pode fazer perigar o desenvolvimento económico e a estabilidade social” .

Se, numerosos analistas e especialistas internacionais, apontam para uma hegemonia da China, há, contudo, de ponderar outros actores na cena internacional, em que o primeiro são os USA.

As duas questões que se colocam, são se e quando a China pode suceder aos USA como estado líder do sistema mundial.

Os USA, são actualmente, tanto a primeira economia, como a primeira potência militar, pelo menos por mais três décadas de crescimento económico, em que será consolidada uma nova “tecnoesfera” que carregará consigo um agravamento das tensões internacionais em torno do terrorismo e das questões ambientais e a emergência de novas grandes potências – BRIC.

Analisemos, ainda de que de uma maneira superficial o actual líder mundial, os USA.

Após a “Guerra Fria”, a opinião interna nos USA favoreceu de uma forma alargada, num primeiro momento, a afirmação *soft* da sua hegemonia (a Pax Americana) através do exercício de uma forte liderança internacional, centrada em tirar proveitos do discurso sobre o livre comércio, os mercados globais e a difusão das instituições democráticas aproveitando a janela de oportunidades para novos posicionamentos geoestratégicos em espaços vedados no tempo da URSS.

Em épocas mais recentes, juntou à estratégia *soft* o acentuar de elementos *hard power*, com o regresso a uma política de acções “preventivas”, originalmente teorizadas antes da II Guerra Mundial pelos alemães, e a admissão do uso de armas nucleares tácticas.

Esta posição americana, é explícita nos recentes anos com o suporte eleitoral aos Bush.

Entretanto, cresceu a oposição interna, quer da esquerda, quer da direita não radical, com lóbis que lutam pela protecção de vários segmentos do mercado doméstico, dos que se opõem ao volume dos fluxos migratórios crescentes, assim como, ao uso de forças militares, fora do âmbito das UN e da defesa do ambiente.

Temos que realçar, que mais importante que a oposição interna, são os desafios internacionais à liderança política americana, a qual, tem conhecido uma série de reveses nos últimos anos.

Podemos quantificar, esses desafios externos em três:

- O primeiro envolve um suposto “*choque de civilizações*”, que tem como caso extremo o conflito entre a difusão dos direitos humanos e das instituições democráticas e as ditaduras teocráticas e os grupos integristas terroristas que procuram a expansão e afirmação da *Jihad Islâmica*.
- O segundo diz respeito ao facto de os grandes actores do passado, como a Rússia e a França, incapazes historicamente de se reconciliarem com o poder americano

Terem ensaiado novas formas de colaboração de facto para estabelecerem uma força de resistência à liderança americana e exercitam o seu veto quando organizações internacionais são chamadas a acções multilaterais.

O terceiro está directamente com o poder económico asiático. “reorientação “

Da reorientação do actual líder mundo, segundo Andre Gunder Frank (14) se analisarmos as projecções para 2050 do economista holandês Angus Madison (nessa data, já 36% do PIB mundial estará localizado na Ásia , com a China em primeiro lugar e a Índia em terceiro no ranking mundial).

Analisando estas considerações, poderemos conjecturar sobre algumas hipóteses de cenários para as próximas décadas, quando for atingido o ponto crítico em 2030:

Primeiro cenário: **Os USA renovam a liderança**

Os USA emergiram como primeira potência mundial no final da primeira década do sec. XX, devido ao dilema estratégico em que se viu envolvida a superpotência incumbente (a Inglaterra).

Este dilema começou a “asfixiar” o incumbente nos anos 30.

Dilema para o qual “não havia solução satisfatória”, não sendo, então, um problema de “mudança de atitude ou de primeiros-ministros”, como referiu Paul Kennedy (15).

Os USA assumiram a sua liderança em Ialta (1945) o consolidaram a liderança a solo em 1989, após a queda do Muro de Berlim.

Embora, cometendo erros estratégicos nos últimos anos, os USA ainda não se confrontaram com uma situação de dilema estratégico como a que aconteceu com a Inglaterra em 1930.

Caso se verifique a consolidação das economias com origem em regimes democráticos, assim como a liderança dos USA, baseada numa liderança técnica e científica já existente, os USA poderão vir a ser os líderes indisputáveis para o futura (a partir de 20030).

Para suportar este cenário, temos em conta várias variáveis:

- A fragmentação dos regimes/mundo islâmicos
- As dificuldades da possibilidade de uma sólida aliança euro-russa, devido a uma população envelhecida e à chantagem russa, baseada nos recursos energéticos de que dispõe (e de que a Europa necessita)
- A disponibilidade de vários líderes europeus para uma postura de dependência estratégica, face aos USA, assim como o cada vez maior poder da opinião da criação de um “mercado comum ocidental”, tendo por base os USA- EU.
- Os problemas estruturais da China para se afirmar como grande potência, devido aos factores anteriormente analisados.

Contudo, este cenário, não descarta a ocorrência de conflitos militares em pequena e média escala, mas que não afectarão a trajetória do sistema mundial até 2070.

Segundo Cenário: **Organizações internacionais e multipolarismo limitam superpotência**

- Entidades transnacionais de gestão de conflitos consolidam-se como actores de primeiro plano.

Será o caso das Nações Unidas e da NATO poderem passar por uma completa renovação, de forma a verem-se livres das suas patologias actuais, transformando-se em entidades mundiais actantes e encontrando novos meios para a resolução das instabilidades e redução de hipóteses de conflitos armados internacionais.

Esta hipótese não impede que os USA possam vir a continuar a assumir o seu papel de potência líder, mas neste caso, num quadro multipolar em que existirão negociações e disputa com outra (s) potência (s) ou aliança (s) emergentes.

- Este cenário é o onde, parece, que jogam todas as potências que reclamam oficialmente, o multipolarismo – desde a União Europeia aos designados BRIC.

Estas potências, não recusam o estatuto, por agora, de “número dois” e não de líderes, como, aliás é típico no discurso oficial dos intelectuais e quadros dirigentes chineses.

Terceiro Cenário : **Risco de “guerra generalizada” (confronto mundial)**

- Poderá, em 2030, vir a existir um vazio de poder, ou seja, a situação poderá evoluir para uma larga oposição à “Pax Americana”, devido aos erros sucessivos estratégicos cometidos pelas administrações americanas, o que,

conjuntamente com uma forte oposição interna, poderá levar os USA a um desinteresse global e a uma política de fechamento sobre si próprio, para resolução dos seus problemas internos e recompor-se do desgaste provocado pelo papel de “polícia do mundo”.

- Esta hipótese poderia vir a criar um perigoso vazio de poder, que poderia abrir uma porta para todo o tipo de estratégias oportunistas por parte de estados e movimentos totalitários, teocráticos ou ditatoriais (os chamados “rogue states”, como a Coreia do Norte ou o Irão e os poderes assimétricos como os grupos terroristas), bastante empenhados em assegurar um poder nuclear e de armas químicas e biológicas.
- Para além do acima exposto, no último ponto, essa situação poderia subsistir de actos por parte de potências regionais não nuclearizadas (sobretudo as que controlam os choke-points) e do aproveitamento dos estados fracos, como rastilho para destabilizar o mundo.
- Neste cenário, enfrentaríamos uma situação anárquica e caótica onde seria possível virem a existir situações ideais para uma “guerra global” a qual traria consequências bem mais terríveis do que as guerras do sec. XX.
- Poderá ser possível que este cenário esteja a ser equacionado em vários “war rooms” de potências emergentes, aguardando um confronto entre as superpotências e os “rogue states” que os desgaste e consuma mutuamente, sendo de que dos despojos, surgiriam o(s) novo(s) lidere(s).

A consolidação de um dos cenários apresentados definirá como será a ascensão ao podendo próximo líder hegemónico nas próximas décadas.

Poderemos considerar duas possibilidades contra uma dos USA continuarem a sua liderança hegemónica, ou a solo durante pelo menos mais duas décadas ou em regime de multipolaridade até pelo menos 2070.

Existe, contudo uma grande possibilidade (uma em três) de um confronto generalizado.

A hipótese da China é irreversível, deixando de ser um “se” para ser um “quando”.

Esta definição dependerá da dominância de um dos anteriores cenários, mas as maiores probabilidades apontam para uma ascensão económica que se tornará inicialmente numa hegemonia comercial (até 2030) e se tornará em poder global (hegemonia económica e militar) para os finais deste século (a partir de 2070), ou nos inícios do sec.XXII.

A confirmação do exposto, só acontecerá nas próximas décadas, mas um dado adquirido é o de que os BRIC, terão um papel fundamental em todo o processo futuro.

©Francisco Manuel Montes Palma e Pereira, 2008

NOTAS

(1) HUBERMAN, Leo (1959) “**Man’s World Goods**”/Monthly Review Press

- (2) BORDO Michael D. (2002) “Globalization in Historical Perspective” –Business Economics
- (3) Goldman Sachs (2003)” **Dreaming with BRIC’s the Path to 2050**” – atualizado em 2004 em www2.goldmansachs.com/insight/research/reports/report32.html
- (4) Goldman Sachs (2003) consultar em www2.goldmansachs.com/insight/research/reports/99.pdf
- (5) GU Zhibin (2005) –**Made in China – O Maior Palco de Globalização no sec XXI** (Centro Atlântico)
- (6) “**The Centrality of Central Asia**” (centro Atlântico 1992) e **Reoriten :Global Economy in Asian Age**” (1400-1800) 1998
- (7) Publicado por “Fontana Press “ em 1998. Todas as citações são desta obra
- (8) Maddison ,Angus entrevista à “Times Magazine” (Set 2007)
- (9) GU, Zhibin , entrevista ao “The Economist” (Jun 2005)
- (10) McNally, Cristopher- Director do East-Centre de Honolulu em entrevista à “Time Magazine” 2006
- (11) GU, Zhibin (2006) “**China and the New World Order**”, Futur Books, Ca USA
- (12) GUNDER, Frank, in Nascimento Rodrigues –“**50 Gurus da Gestão para o sec XXI** – Centro Atlântico, Lisboa (2005)
- (13) McNally, Cristopher – Director do East –West Centre de Honolulu, Entrevista à “Time Magazine” 2006
- (14) GUNDER Frank, André in “ **50Gurus da Gestão para o sec XXI**”.Centro Atlântico, Lisboa 2005
- (15) Kennedy, Paul “**The Rise and Fall of the Great Powers**” , Fontana Press, Londres 1988

Bibliografia

- ✓ DIAMOND, J. (2004), **Collapse: How Societies Choose to Fall or Succeed**, Viking, N.Y.

- ✓ MacGILLIVRAY, F.C. (2004) **A Brief History of Globalization**

- ✓ HUTTON, W (2006) **The Writing on the Wall: Why we must embrace China as a partner or face as an enemy**, Free Press, N.Y.

- ✓ KEENNEDY, P. (1988) **The Rise and Fall of Great Powers**, Fontan Press, London

- ✓ JOLL, J. (1995) **A Europa desde 1870**, Publicações D, Quixote, Lisboa

- ✓ MODELSKI, G. e THOMPSON, W. (1996) **Leading Sectors and World Powers: The coevolution of Global Economics Politics**. University of South Carolina Press, Columbia

- ✓ MODELSKI, G. e THOMPSON, W. (1998) **Seapower in Global Policies**, 1494-1993, Palgrave Macmilan, London

- ✓ FRIEDMAN, A., GILLS, B. and MODELSKI, G. (eds) **World System History : The Social Science of Long-Term Change**, Routledge, N.Y.

- ✓ NASCIMENTO RODRIGUES, J. (2005), **50 Gurus da Gestão para o século XXI**, Centro Atlântico, Lisboa

- ✓ OVERHOLT, W.H. (1993), **China : A próxima superpotência**, Difusão Cultural, Lisboa

- ✓ TUCHIN, P. (2003), **Historical Dynamics- Why States Rise and Fall**, Princeton Studies on Complexity, Princeton University, Princeton, Nova Jersey

- ✓ WALLERSTEIN, I (2000), "**Globalization or the Age of Transition? A long-term View of the Trajectory of the World System**", International Sociology, Vol. 15

Working Paper

A Globalização e hegemonia da liderança mundial

Francisco Manuel Montes Palma e Pereira

©2008

